



**EPISTEMOLOGIA PERIFÉRICA DE LIBERTAÇÃO: RACIONAIS
MC'S E A CULTURA DE LUTA ANTIRRACISTA NAS
PERIFERIAS BRASILEIRAS**

**EPISTEMOLOGÍA PERIFÉRICA DE LIBERACIÓN: RACIONAIS
MC'S Y LA CULTURA DE LUCHA ANTIRRACISTA EN LAS
PERIFERIAS BRASILEÑAS**

Melina Rocha

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora, pesquisadora e comunicadora popular. Associada à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

RESUMO

O artigo analisa como os Racionais MC's, por meio de sua produção político-artística, constroem uma epistemologia periférica libertadora e promovem uma cultura de luta antirracista no Brasil contemporâneo. A partir do pensamento de Amílcar Cabral sobre cultura e libertação e dos estudos de Thayara de Lima e D'Andrea, discute-se a atuação do grupo como intelectuais orgânicos das periferias urbanas. Argumenta-se que suas músicas configuram práticas educativas insurgentes, que denunciam o racismo estrutural, produzem consciência crítica e fortalecem a identidade negra. A metodologia qualitativa baseia-se em análise bibliográfica e interpretativa de letras de músicas, discursos e entrevistas. Ao reconhecer a centralidade da cultura na formação política, o estudo evidencia que a obra dos Racionais MC's contribui para a valorização dos saberes periféricos como formas legítimas de conhecimento e para a construção de uma pedagogia antirracista enraizada nas experiências das populações marginalizadas.

PALAVRAS-CHAVE

Epistemologia periférica; Racionais MC's; cultura de luta antirracista; educação popular; pedagogia da resistência.

RESUMEN

El artículo analiza cómo el grupo Racionais MC's, a través de su producción político-artística, construye una epistemología periférica liberadora y promueve una cultura de lucha antirracista en el Brasil contemporáneo. A partir del pensamiento de Amílcar Cabral sobre cultura y liberación, y de los estudios de Thayara de Lima y D'Andrea, se discute la actuación del grupo como intelectuales orgánicos de las periferias urbanas. Se argumenta que sus canciones constituyen prácticas educativas insurgentes que denuncian el racismo estructural, generan conciencia crítica y fortalecen la identidad negra. La metodología cualitativa se basa en el análisis bibliográfico e interpretativo de letras de canciones, discursos y entrevistas. Al reconocer la centralidad de la cultura en la formación política, el estudio demuestra que la obra de Racionais MC's contribuye a la valorización de los saberes periféricos como formas legítimas de conocimiento y a la construcción de una pedagogía antirracista enraizada en las experiencias de las poblaciones marginalizadas.

PALABRAS CLAVE

Epistemología periférica; Racionais MC's; cultura de lucha antirracista; educación popular; pedagogía de la resistencia.

EPISTEMOLOGIA PERIFÉRICA DE LIBERTAÇÃO: RACIONAIS MC'S E A CULTURA DE LUTA ANTIRRACISTA NAS PERIFERIAS BRASILEIRAS

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de reflexões desenvolvidas durante a pesquisa de doutorado intitulada *Epistemologia que emerge nas periferias: os saberes dos Racionais MC's e a construção de uma cultura de luta periférica*, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão da Faculdade de Educação da UFMG. A pesquisa busca compreender como a obra político-artística do grupo de rap Racionais MC's elabora e difunde uma *epistemologia periférica de libertação*, fundamentada na valorização da cultura negra, na denúncia das desigualdades sociais e na promoção de uma cultura de luta antirracista.

Neste trabalho, articulamos o pensamento de Cabral (1974a, 1974b, 1980), intelectual panafricanista revolucionário, com os estudos recentes de Lima (2022, 2024), que abordam o conceito de *cultura de luta antirracista* a partir da atuação do *movimento negro no século 21*. Ao fazer isso, buscamos refletir como os Racionais MC's se inserem nesse processo de construção coletiva de saberes e práticas pedagógicas insurgentes, situando-os como intelectuais orgânicos da periferia. Assim como Cabral (1974a, 1974b, 1980) compreendia a cultura como arma revolucionária essencial nas lutas anticoloniais africanas, os Racionais elaboram uma pedagogia de libertação enraizada no cotidiano das periferias urbanas brasileiras, mobilizando a arte como meio de conscientização política e emancipação social.

A partir dessa perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar como os Racionais MC's produzem uma cultura de luta antirracista por meio da construção de uma *epistemologia periférica libertadora*. Pretende-se, ainda, refletir sobre os estudos de Lima (2022, 2024) que abordam a *cultura de luta antirracista* e o movimento negro contemporâneo; identificar estratégias presentes na obra político-artística do grupo que evidenciem essa *cultura de luta antirracista*; e compreender como saberes produzidos em contextos de opressão são transformados em potência educativa. Reconhecendo a atuação do grupo de rap como parte de uma tradição de negros e negras em movimento, buscamos contribuir para a valorização das epistemologias forjadas nas margens.

A metodologia adotada é de caráter qualitativo, com base em pesquisa bibliográfica e análise interpretativa de discursos, letras de músicas e entrevistas públicas do grupo. Utilizamos como referências centrais a obra de Cabral (1974a, 1974b, 1980), os estudos de Lima (2022, 2024), os ensaios reunidos por Vieira e Santos (2023) e a produção de D'Andrea (2020, 2022, 2023) sobre cultura, política e formação nas periferias. Tais autores e autoras nos ajudam a reconhecer nos Racionais MC's a formulação de uma prática pedagógica antirracista, enraizada em uma comunicação popular e na valorização dos saberes periféricos.

Com esta investigação, pretendemos contribuir para a ampliação do debate sobre epistemologias insurgentes e afirmar a centralidade da *cultura de luta antirracista* como um caminho legítimo para pensar uma educação decolonial, crítica e comprometida com a justiça racial.

2. CULTURA DE LUTA E CULTURA DE LUTA ANTIRRACISTA

A noção de cultura como instrumento de resistência e transformação social é central na obra do pensador panafricanista Amílcar Cabral (1924-1973). Nascido na Guiné-Bissau, Cabral foi uma das lideranças fundamentais na luta anticolonial de libertação da Guiné-Bissau e de Cabo Verde contra o domínio português. Em 1956, fundou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e, posteriormente, em 1960, passou a integrar a Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colônias Portuguesas (FRAIN/CONCP), atuando em articulação com outros países africanos em luta contra o imperialismo europeu. Cabral elaborou uma teoria revolucionária em meio à prática da luta, compreendendo a cultura como arma essencial para a libertação dos povos colonizados.

A experiência concreta nos processos de lutas de libertação africana levou Cabral (1974b) a reconhecer a importância de fortalecer a identidade cultural dos povos oprimidos. A colonização operava não apenas pela dominação econômica e militar, mas também pelo apagamento e desqualificação das culturas locais. Cabral (1974b:34) também evidencia a existência de um *fundo igual de cultura* aos africanos e da necessidade de reconhecer a realidade comum decorrente do colonialismo e do imperialismo nos países africanos.

A cultura sobrevive mesmo nas condições mais adversas, pois reside no cotidiano de resistência das massas populares: “Reprimida, perseguida, humilhada [...] a cultura sobrevive a todas as tempestades, para retomar, graças às lutas de libertação, toda a sua faculdade de desenvolvimento” (CABRAL, 1974a:n.p.). A cultura, nesse sentido, não é apenas um repertório simbólico, mas um campo de disputa política.

Nós avançamos para a nossa luta seguros da realidade da nossa terra (com os pés fincados na terra). Quer dizer, em nosso entender não é possível fazer uma luta nas nossas condições, não é possível lutar de facto pela independência de um povo, não é possível estabelecer de facto uma luta armada, como a que tivemos que estabelecer na nossa terra, sem conhecermos a sério a nossa realidade e sem partirmos a sério dessa realidade para fazer a luta (CABRAL, 1974b:97 in Lima, 2022:46).

Ao propor o “regresso às fontes”, Cabral (1974a, 1974b, 1980) indica a urgência de reconectar os processos de luta à cultura viva do povo, rompendo com linguagens eruditas que não alcançam as massas. Esse pensamento encontra eco na atuação do grupo Racionais MC’s, especialmente na afirmação de Mano Brown, um dos líderes de maior expressividade no grupo, que produz letras, interpreta e desenvolve um importante trabalho de comunicação com as periferias. Brown critica constantemente a ausência de diálogo entre a esquerda brasileira e as comunidades periféricas, destacando sempre a necessidade de “voltar para as bases”.

Percebe-se então uma semelhança de pensamento entre os dois intelectuais, Amílcar Cabral e Mano Brown, no reconhecimento das realidades concretas, geográficas, econômicas, sociais e culturais, como um meio de alcançar a libertação. Cultura e linguagem, nesse sentido, são estratégicas para a conscientização política e para a formação de uma identidade coletiva comprometida com a emancipação. Brown subiu ao palanque de campanha pró-Haddad, em 2018, diante da ameaça da vitória da extrema-direita e apontou:

Boa noite. Bom, eu vim aqui representar a mim mesmo. Não vim representar ninguém, certo? Eu não gosto do clima de festa. Não gosto, acho que a cegueira que atinge lá, atinge nós (sic) também. Isso é perigoso. Não tá tendo motivo pra comemorar. Tem sei lá, quase 30 milhões de votos para alcançar aí. Não temos nem expectativa nenhuma pra alcançar, pra diminuir essa margem. É, não estou sendo pessimista, sou realista. Eu não consigo acreditar que pessoas que me tratavam com tanto carinho, pessoas que me respeitavam, me amavam, que me serviam café de manhã, que lavava meu carro, que atendia meu filho no hospital, se transformaram em monstros. Eu não posso acreditar nisso. Eu não posso acreditar que essas pessoas são tão más assim. Se em algum momento da comunicação do pessoal aqui falhou (apontando para os políticos

petistas posicionados atrás dele), vai pagar o preço. Porque a comunicação é a alma. Se não tá conseguindo falar a língua do povo, vai perder mesmo... (BROWN, 2018).

Ainda que Mano Brown afirme que sua \era de caráter pessoal, ela estava alinhada diretamente aos anseios do povo da periferia, ao apontar o distanciamento dos discursos da esquerda na qual atribui à ausência de comunicação com a periferia. A similaridade da crítica entre os discursos de Mano Brown e de Cabral nos impulsiona a crer na presença de uma cultura de luta antirracista no discurso de Brown e como ela está centralizada no diálogo com e para as periferias.

Lima (2022,2024), ao estudar o movimento negro contemporâneo no Brasil, ressignifica a proposta de Cabral ao formular o conceito de *cultura de luta antirracista*. A luta contra o racismo no Brasil, protagonizada pelos movimentos negros engendra práticas educativas e ações políticas que constroem uma práxis antirracista enraizada na experiência histórica da população negra. Essa cultura de luta antirracista mobiliza saberes que denunciam a estrutura racial da sociedade brasileira, questionam o mito da democracia racial e exigem reparações históricas. Trata-se de uma cultura que produz consciência crítica a partir da vivência e da organização coletiva do povo negro.

Entre os frutos concretos dessa luta, destacam-se conquistas como a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e das culturas africanas e afro-brasileiras nas escolas. Essa conquista é resultado direto da articulação de movimentos sociais, intelectuais negros e militantes que elaboraram, por meio de práticas culturais, epistemológicas e políticas, uma reivindicação por memória, pertencimento e justiça. Nesse contexto, o *hip hop* e, especialmente, os Racionais MC's, desempenham um papel essencial como agentes culturais que formulam uma leitura crítica da realidade, orientam estratégias de resistência e educam a juventude negra sobre sua história, direitos e possibilidades de futuro.

Entendemos a importância dos *letramentos de reexistência* no *hip hop* sob a perspectiva de Souza (2011):

Uma das marcas da cultura hip-hop é a intimidade com que ela combina e recombina, sem hierarquizar, os multiletramentos em produções que mesclam mídias orais, verbais, imagéticas, analógicas e digitais. O universo dessa cultura leva em conta tanto as práticas educativas das quais os jovens compartilham na esfera escolar, que nem sempre têm precedentes em seus grupos de origem, com aquelas produzidas por eles na esfera do cotidiano, atribuindo-lhes significados, objetivos, e tornando-as próprias. Além disso, os

letramentos no hip-hop também são sustentados por práticas engendradas pelos movimentos sociais negros que historicamente reivindicam direitos, inclusive na área da educação (2011: 35).

Assim como Cabral reconhecia a cultura como força de mobilização nas lutas africanas, é possível afirmar que, no Brasil, a *cultura de luta antirracista* encontra no movimento *hip hop* um território fértil para a produção de saberes, afetos, produção de futuro e resistências. O rap dos Racionais MC's, enraizado nas vivências da periferia e atravessado pela memória da diáspora africana, é um exemplo potente dessa cultura em movimento internacional, que propõe o fortalecimento da coletividade e a criatividade por meio da inspiração na memória ancestral.

3. RACIONAIS MC'S E A PEDAGOGIA DE LIBERTAÇÃO NAS PERIFERIAS

Durante o processo de luta de libertação nacional na Guiné-Bissau, Amílcar Cabral e os membros do PAIGC compreenderam que, para conquistar a autonomia política, seria necessário educar o povo. Por isso, desenvolveram escolas nas zonas libertadas, onde a educação era conduzida pelos próprios militantes e articulada com as necessidades da luta. A pedagogia cabralista era, portanto, uma pedagogia de combate, pois buscava fortalecer a identidade nacional, descolonizar subjetividades e formar sujeitos conscientes de sua história e de seu papel na transformação da realidade.

Essa perspectiva encontra ressonância na atuação dos Racionais MC's no Brasil, grupo que emerge nas periferias da cidade de São Paulo durante a década de 1990, em um contexto marcado pelo aprofundamento da desigualdade social e pelo aumento da violência policial contra a população negra e pobre. O sistema de segurança público e as polícias davam continuidade nas favelas, as táticas de tortura, sequestro, perseguição e assassinatos, herdada do passado escravista e aprimorada pela ditadura militar. A denúncia e o protesto, frente ao genocídio da juventude negra, se tornam uma necessidade por esses sujeitos que vivenciavam aquela situação de terror cotidiano (RACIONAIS MC'S, 2018:19-23).

As chacinas se tornaram práticas comuns, com destaque a do Carandiru, em 1992, e da Candelária, e Vigário Geral, em 1993. Tais práticas evidenciaram o caráter letal das políticas de segurança pública nas grandes cidades brasileiras que ameaçava a juventude periférica. Foi nesse cenário que os Racionais MC's, assim como outros agentes

do rap nacional, se consolidaram como uma voz coletiva das periferias, denunciando a necropolítica e elaborando um discurso poético-político que se assemelha à um manual de sobrevivência (OLIVEIRA *in* Racionais MC's, 2018).

O lançamento do álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) marcou o ápice dessa proposta político-artística (OLIVEIRA *in* Racionais MC's, 2018:27-29). Nele, os Racionais constroem uma narrativa que denuncia as condições desumanas vividas nas favelas e nos presídios, mas também aponta caminhos de resistência e de fé, articulando referências bíblicas, evangélicas, marxistas, pan-africanas e da tradição oral da periferia. Segundo Oliveira (2018:27-34), a voz coletiva encarnada nas letras do grupo assume a figura do *pastor-marginal*, uma liderança que acolhe, orienta e ensina, à semelhança das igrejas evangélicas presentes e crescentes nas periferias urbanas. Trata-se de um projeto de formação que, mesmo não institucionalizado, produz efeitos pedagógicos profundos na consciência racial e social da juventude negra. Essa pedagogia dos Racionais pode ser compreendida como uma teologia de sobrevivência, em que a palavra cumpre o papel de salvação não religiosa, mas política. Como afirma Oliveira *in* Racionais MC's (2018):

É uma palavra de salvação que não mais se dirige ao Estado ou a qualquer outra instância externa à própria comunidade. Ela é caminho de salvação, desde que aquele que a escute compreenda e aceite os caminhos do proceder periférico. Seu objetivo maior é formar os sujeitos para a construção de uma ética comunitária que os permita viver a 'vida loka' — o estado geral da precarização das condições de existência marcadas pelo risco iminente e pela contingência — sem desandar, ou seja, permanecendo vivos (OLIVEIRA *in* Racionais MC's, 2018:32).

Essa ética do *proceder periférico* é, portanto, uma pedagogia da resistência, que forma sujeitos capazes de compreender sua realidade e de atuar nela. Ao narrar o cotidiano violento das periferias, mas também ao afirmar o valor da vida, da consciência e da coletividade, os Racionais criam um espaço simbólico de formação política. Suas músicas funcionam como instrumentos de educação popular, capazes de promover o letramento racial, histórico, geográfico e afetivo de jovens negros e negras que, muitas vezes, são afastados da escola e da universidade.

Além disso, essa pedagogia não está voltada para a reprodução de modelos eurocêntricos de saber, mas sim para a valorização de experiências periféricas como fontes legítimas de conhecimento. Assim, a produção político-cultural dos Racionais

mobiliza princípios de uma *epistemologia periférica*, na qual a experiência vivida é a base para a produção de saber. Como em Cabral, trata-se de formar sujeitos conscientes, politizados e organizados para a luta coletiva. Como em Freire (1987), trata-se de uma pedagogia da pergunta, da denúncia e do anúncio.

É preciso, enfatizemos, que se entreguem à práxis libertadora. O mesmo se pode dizer ou afirmar com relação ao opressor, tomado individualmente, como pessoa. Descobrir-se na posição de opressor, mesmo que sofra por este fato, não é ainda solidarizar-se com os oprimidos. Solidarizar-se com estes é algo mais que prestar assistência a trinta ou a cem, mantendo-os atados, contudo, à mesma posição de dependência. Solidarizar-se não é ter a consciência de que explora e “racionalizar” sua culpa paternalistamente. A solidariedade, exigindo de quem se solidariza, que “assuma” a situação de com quem se solidarizou, é uma atitude radical (1987:23).

Os Racionais MC’s constroem, portanto, um projeto formativo não formal, que alia estética e ética periférica, resistência e política, ação e potência. Sua pedagogia é radical porque reconhece a centralidade da cultura na formação dos sujeitos e na transformação da sociedade. Nesse sentido, podemos compreendê-los como intelectuais orgânicos da periferia, cuja atuação contribui para a construção de uma cultura de luta antirracista enraizada nos saberes e nas vivências negras.

3.1. A EPISTEMOLOGIA PERIFÉRICA LIBERTÁRIA COMO CULTURA DE LUTA ANTIRRACISTA

A produção de conhecimento nas periferias urbanas brasileiras se constitui, historicamente, como uma resposta à exclusão, ao racismo estrutural e à negação dos saberes não hegemônicos. Trata-se de um saber forjado na vivência cotidiana da desigualdade e no enfrentamento direto das formas de dominação. É nesse contexto que os estudos sobre epistemologia periférica, elaborados pelo autor D’Andrea (2020, 2022), nos auxiliam a compreender como sujeitos e sujeitas periféricos elaboram modos próprios de pensar, conhecer e agir no mundo a partir de suas experiências situadas. D’Andrea (2022) explica:

O periférico em si é uma posição vivida, mas não percebida pelo morador de periferia. Esse momento se sintetiza no âmbito das vivências, da formação de um *habitus* e de uma subjetividade.

Esse morador passa a ser periférico para si quando percebe sua condição por meio de uma experiência social comum e compartilhada. Este tornar-se periférico para si se imbrica com processos de consciência de pertencimento

periférico e/ou de contrução de periférico enquanto categoria de representação. (D'ANDREA, 2022: 229-230).

Essa epistemologia é produzida pela subjetivação, os códigos culturais compartilhados, a consciência de pertencimento e a atuação política. Inseparável da dimensão territorial, ela emerge dos becos, vielas, ônibus lotados e escolas precárias; é uma ciência de corpo presente, atravessada pela urgência da sobrevivência e pela busca de libertação, seja pela denúncia ou pela afirmação.

A epistemologia periférica também desafia os padrões tradicionais da intelectualidade acadêmica. Roza (2022), ao retomar o pensamento de Audre Lorde (1934-1992), aponta que há um processo persistente de desqualificação dos saberes dos povos subalternizados, marcado pela indigência cultural imposta às populações negras, indígenas e periféricas. A ciência moderna, ao se constituir como branca, eurocêntrica e racionalista, negou às margens a condição de produtoras de conhecimento. Nesse sentido, a produção poética, musical e cultural, fortemente alicerçada na oralidade dessas populações se apresenta como uma linguagem subversiva, capaz de expressar demandas históricas de liberdade e justiça.

Audre, Lorde (2019), em um de seus trechos mais emblemáticos, afirma:

Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós — a poeta — sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade (LORDE, 2019:48 apud Roza, 2022:71).

A poesia é um instrumento revolucionário, pois permite que experiências invisibilizadas se tornem linguagem, consciência e ação. O que ela diz sobre a poesia pode ser estendido à música dos Racionais MC's, que opera como um discurso de libertação, construído a partir da dor, da memória e da coletividade periférica.

A obra do grupo de Rap Racionais MC's mobiliza estratégias narrativas que constituem um saber situado, ético e político. Canções como “Capítulo 4, Versículo 3”, “Diário de um Detento” e “Jesus Chorou” não apenas retratam a violência vivida nas periferias, mas a interpretam, analisam e propõem caminhos de resistência. Elas cumprem o papel de textos pedagógicos, ao mesmo tempo diagnósticos e propositivos, nos quais se desenham elementos de uma pedagogia crítica e de uma ética comunitária.

Em “Voz Ativa”, de 1992, por exemplo, encontramos uma interpelação direta à juventude negra:

Eu tenho algo a dizer
E explicar pra você
Mas não garanto porém
Que engraçado eu serei dessa vez
Para os manos daqui
Para os manos de lá
Se você se considera negro
Pra negro será, mano
Sei que problemas você tem demais
E nem na rua não te deixam na sua
Entre madames fodidas e os racistas fardados
De cérebro atrofiado não te deixam em paz
Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda
Se acomoda então, não se incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda prefere não se envolver
Finge não ser você e eu pergunto por que
Você prefere que o outro vá se foder
Não quero ser o Mandela, apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende
Mas eu lamento que
Irmãos convivam com isso naturalmente
Não proponho ódio, porém
Acho incrível que o nosso compromisso
Já esteja nesse nível
Mas racionais, diferentes nunca iguais
Afrodynamicamente mantendo nossa honra viva
Sabedoria de rua
O rap mais expressiva (o que é que tem)
A juventude negra agora tem a voz ativa... (RACIONAIS MC'S, 1992)

Essa fala convoca à resistência, à formação de consciência e à mobilização, além de apresentar a referência de Mandela na contra o fim do *Apartheid* na África do Sul. A letra da música também aponta o reconhecimento do racismo no Brasil e critica a imobilidade de “alguns irmãos” bem como a violência policial. A música, anterior ao álbum “Sobrevivendo no Inferno”, que por sua vez adotou um tom de acolhimento e solidariedade, demarca a revolta presente no início da carreira do grupo, decorrente da emergência da promoção de consciência na periferia.

Com o processo de elaboração a partir da teologia de salvação (OLIVEIRA *in* Racionais MC's, 2018), os Racionais MC's narram histórias e cotidianos da periferia

como testemunhas do extermínio contra a juventude negra provocado pelas forças de segurança pública. Como griots do século XXI, o grupo narrava e denunciava com precisão histórica e intensidade emocional, transformando a experiência do terror do cárcere em uma memória coletiva. Através da música “Diário de Um Detento”, em 1997, os Racionais apresentam para toda a sociedade o violento projeto de encarceramento em massa:

Cada detento uma mãe, uma crença
Cada crime uma sentença
Cada sentença um motivo, uma história de lágrima
Sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio
Sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo
Misture bem essa química
Pronto, eis um novo detento
Lamentos no corredor, na cela, no pátio
Ao redor do campo, em todos os cantos
Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã
Aqui não tem santo
Rá-tá-tá-tá preciso evitar
Que um safado faça minha mãe chorar
Minha palavra de honra me protege
Pra viver no país das calças bege
Tic, tac, ainda é 9 e 40
O relógio da cadeia anda em câmera lenta (RACIONAIS MC'S, 1997).

A letra escrita em parceria com um Ex-detento da Casa de Detenção do Carandiru, o Jocemir, demonstra a estratégia utilizada pelo grupo de produzir uma voz coletiva junto à periferia. A *epistemologia periférica* elaborada pelos Racionais MC's é, portanto, uma prática de leitura crítica da realidade que articula experiência vivida, linguagem popular, cultura negra e ação política. Trata-se de um conhecimento que descoloniza, pois se recusa a aceitar a inferiorização dos saberes negros e periféricos. Ao contrário, afirma-os como base de uma nova possibilidade de educação, pensamento e transformação social.

Por se tratar de uma epistemologia radical, que aponta a responsabilidade-do Estado no genocídio da população negra, compreendemos esses saberes atrelados ao projeto de emancipação da periferia, que perpassa pela elaboração de um pensamento coletivo produzido junto às periferias, que denuncia, mas também produz autoestima e consequente coletivização da sociedade.

Nesse sentido, ao dialogar com a cultura de luta de Amílcar Cabral e com a formulação de Thayara de Lima sobre a cultura de luta antirracista, os Racionais MC's constroem um repertório próprio de libertação. Eles produzem uma ciência da palavra, da

vivência e da rua. Produzem uma epistemologia que nasce do grito sufocado das favelas e se transforma em verbo, em denúncia, em salvação. Sua música é, ao mesmo tempo, crônica, liturgia e pedagogia — e, por isso mesmo, conhecimento.

4. A EDUCAÇÃO POR MEIO DA CULTURA DE LUTA ANTIRRACISTA: AS POTENCIALIDADES DA EPISTEMOLOGIA PERIFÉRICA DE LIBERTAÇÃO DOS RACIONAIS MC'S

A educação formal brasileira, historicamente estruturada por valores coloniais, racistas e eurocêntricos, excluiu por séculos as epistemologias negras e indígenas dos currículos escolares. Mesmo após avanços institucionais, como a promulgação da Lei 10.639/03, ainda são tímidas as iniciativas que efetivamente reconhecem os saberes periféricos como legítimos no processo educativo. Frente a essa lacuna, o movimento negro brasileiro tem sido protagonista na elaboração de pedagogias próprias, comprometidas com a memória, a resistência e a emancipação da população negra.

Gomes (2017) ao refletir sobre o Movimento negro Educador sob a perspectiva das Epistemologias do Sul afirma que “A relação Movimento Negro, educação e saberes nos convoca a trilhar um caminho epistemológico e político desafiador: a construção de um pensamento e de uma pedagogia pós-abissais” (GOMES, 2017:55). É nesse contexto que os Racionais MC's atuam como educadores populares. Seus versos funcionam como aulas públicas sobre racismo estrutural, genocídio da juventude negra, desigualdade social, violência policial e afirmação da identidade negra. A pedagogia proposta pelo grupo é forjada no cotidiano da periferia, em diálogo com a dor, mas também com a dignidade. Como uma pedagogia de resistência, ela não se limita à denúncia: propõe caminhos, compartilha estratégias e constrói um imaginário coletivo capaz de transformar a indignação em ação política. Concordamos com Souza (2023) de que os Racionais MC's produzem literatura:

Os Racionais deslocam, provocam, inquietam, reescrever letras sobre periferias outras possibilidades de uso de linguagem no rap, ampliando e rompendo estereótipos e marcas de um imaginário cristalizado sobre o hip-hop. Os Racionais, bem como autores e autoras negras e negros, fazem literatura negra há séculos com uma leitura aguçada e complexa da realidade narrada e tratada em primeira pessoa, sempre no coletivo (SOUZA, 2023:146).

Essa literatura extrapola os muros da escola e ressignifica espaços como as ruas, os palcos, os bailes, as rádios comunitárias, e hoje as plataformas virtuais, como territórios pedagógicos. Como aponta D’Andrea (2020), o conhecimento produzido nesses espaços é frequentemente invisibilizado pelas instituições tradicionais de ensino, mas opera de forma potente na formação subjetiva e política dos sujeitos periféricos. Os Racionais MC’s, ao nomearem as violências e apontarem possibilidades de existência, tornam-se referência para milhares de jovens negros e negras, ensinando-os a sobreviver e mais que isso, a transformarem suas próprias realidades.

No início dos anos 2000, acompanhando a nova realidade da sociedade brasileira do primeiro governo popular, os Racionais MC's assumem uma outra estética. Em 2014, as transformações econômicas, a burocratização dos movimentos sociais e a expansão do mercado fonográfico, os Racionais MC's passam a acionar novas estratégias de mobilização popular. A inserção em uma estética empreendedora, porém, não impediu que o grupo deixasse de dialogar junto às massas populares. A produção do grupo, que apesar de assumir uma narrativa de superação individualista e do direito ao consumo de bens materiais, não deixa de considerar o que está acontecendo naquele momento na periferia (Faustino, 2002). Nesse período o grupo apresenta narrativas de festa, bebidas, carros, porque naquele momento a periferia estava acessando coisas que historicamente nunca pode ter. Ainda assim, as dimensões de crítica política, sobretudo àquelas alicerçadas na *cultura de luta antirracista*, que demonstram o racismo persistente na sociedade.

Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate
O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro
Pesadelo, hum, é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
No clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil, fuzil
Nego drama (RACIONAIS MC'S, 2002).

Ainda que esse período do grupo tenha ocorrido em meio à diversas críticas feitas por fãs e pesquisadores que acreditavam que os Racionais MC's se ‘venderam ao sistema’, o projeto político dos Racionais seguia alinhado à realidade concreta, uma vez que durante esse período houve um aumento no poder de compra nas periferias decorrente das

transformações políticas provocadas pela ascensão dos partidos dos trabalhadores ao poder (FAUSTINO, 2023). A intensão de falar a linguagem da periferia seguia, fato que foi evidenciado pelo lançamento do *single* “Mil Faces de um Homem Leal”, em homenagem ao revolucionário Carlos Mariguella (1911-1969), bem como a presença de Mano Brown nos atos e manifestações antifascistas contra o governo de extrema-direita, bem como sua crítica elaborada junto aos petistas.

Percebe-se, portanto, que o protesto elaborado não só pelo grupo, como por outros agentes do rap nacional, indicam a existência de uma *cultura de luta antirracista*, que está engendrada em um processo educativo e de comunicação junto às massas. O reconhecimento público da influência do grupo junto à juventude negra permite que a periferia tenha acesso ao debate crítico, que por sua vez provoca o reconhecimento e orgulho das identidades pretas e periféricas como ato revolucionário capaz de possibilitar uma educação crítica e libertadora.

5. CONCLUSÃO

Este artigo buscou analisar como os Racionais MC's, enquanto protagonistas culturais das periferias brasileiras, promovem uma cultura de luta antirracista por meio da produção de uma *epistemologia periférica libertadora*, elaborada não só a partir das canções, mas também por meio de discursos e ações políticos essenciais para a consolidação de um projeto de libertação. Partindo das reflexões de Amílcar Cabral sobre a centralidade da cultura nas lutas de libertação e dialogando com os estudos contemporâneos de Thayara de Lima e D'Andrea, demonstramos que a obra político-artística do grupo constitui em uma prática educativa de resistência e afirmação negra. Os Racionais MC's atuam como intelectuais orgânicos, não aos moldes da leitura gramsciana, mas sim numa perspectiva situada na luta pela emancipação da população negra e periférica. Em meio ao contexto do genocídio da população negra e periférica, eles educam e reeducam as comunidades periférica e partilham saberes organizados pelo movimento negro brasileiro. Sua música funciona como um espaço de construção de consciência crítica, formação ética e política, capaz de orientar a juventude para a resistência e a sobrevivência em condições adversas. Essa epistemologia da palavra, fundamentada na vivência periférica, reafirma a importância dos saberes locais e das

experiências situadas como fontes legítimas de conhecimento, bem como indica a importância da formação política para o processo de libertação.

Além disso, a epistemologia periférica elaborada pelo grupo, ao incorporar elementos da cultura negra, das realidades urbanas e das práticas populares, configura-se como uma alternativa aos modelos hegemônicos e excludentes de produção de conhecimento. A *Epistemologia Periférica de Libertação* não apenas denuncia as desigualdades, mas também aponta para a possibilidade de um processo educativo libertador e antirracista, que valoriza os sujeitos periféricos como agentes ativos da transformação social.

Dessa forma, a cultura de luta antirracista produzida pelos Racionais MC's exemplifica como a periferia pode ser um território fecundo para a criação de saberes e práticas educativas revolucionárias. Compreender essa produção é fundamental para ampliar os horizontes da educação antirracista e fortalecer os processos de valorização da diversidade cultural e epistemológica no Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, Amílcar. *O Papel da Cultura na Luta pela Independência*. 1974a. Disponível em: < <https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/descriptions/1335255> > Acesso em: 12 de agosto de 2025.
- CABRAL, Amílcar. *PAIGC: Unidade e Luta*, 1974b. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/cabral/ano/mes/97.pdf> > Acesso em: 12 de agosto de 2025.
- CABRAL, Amílcar. *A arma da teoria*. Coordenação [de] Carlos Comitini. – Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- D' ANDREA. Tiaraju Pablo. *A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo: Editora Dandara, 2022.
- D' ANDREA. Tiaraju Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos, *Novos estudos CEBRAP*, 39 (1). Jan-abr. 2020.
- D' ANDREA. Tiaraju Pablo. Trabalho e periferia na obra do Racionais MC's. *Racionais MC's: entre o gatilho e a tempestade*, p.232-253, 2023.



- FAUSTINO, Deivison (Deivison Nkosi). Apresentação: Notas Confusas, Mas Reais e Intensas, Sobre os Quatro Pretos Mais Perigosos do Brasil. In: Vieira e Santos (org.) *Racionais MC's: Entre o Gatilho e a Tempestade*, 2023 p. xvii-xxviii
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- LIMA, Thayara de. *A cultura de luta antirracista e o movimento negro do século 21*. 1 ed. Rio de Janeiro: Palas Editora, 2024.
- LIMA, Thayara Cristine Silva de. *Ensino de história forjado na luta: A cultura De luta antirracista e seu potencial educador*, Tese (Doutorado em educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: < <https://ppge.educacao.ufrj.br/teses2022/tThayara%20Cristine%20Silva%20de%20Lima.pdf> > Acesso em 12/08/2025.
- OLIVEIRA, Acauam Silvério. O evangelho Marginal dos Racionais MC's. In: Racionais MC's, *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras.p 19-37, 2018.
- RACIONAIS MC'S, *Sobrevivendo no Inferno*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ROZA, Isis Silva. *Trajetórias, práticas e produção de conhecimento de intelectuais negras e negros dos núcleos de estudos afrobrasileiros da região sudeste*, Tese (Doutorado em educação) Universidade Federal de Minas Gerais, 2022. Disponível em: < <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/43714> > Acesso em 12/08/2025.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva, *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva, Letramentos de reexistência no Rap do Racionais MC's. In: Vieira e Santos (org.) *Racionais MC's: Entre o Gatilho e a Tempestade*, São Paulo: Editora Perspectiva. p.144-158, 2023.
- VIEIRA E SANTOS. Daniela, Jaqueline lima. Efeito colateral do Sistema: a formação do grupo de rap que contrariou as estatísticas. *Racionais MC's: entre o gatilho e a tempestade*, São Paulo: Editora Perspectiva, p.2-30, 2023.